

Formação de professores que ensinam matemática:¹ produção do conhecimento matemático através do dispositivo-oficina e seus efeitos no ensino e na aprendizagem da matemática na escola

*Mathematics teachers formation:
production of mathematical knowledge through the workshop dispositive and its
effects on teaching and learning mathematics in school*

Margareth Ap. Sacramento Rotondo²

Giovani Cammarota³

Felipe Vargas da Silva⁴

DOI: <https://doi.org/10.34019/2179-3700.2019.v19.29891>

Resumo

O texto apresenta a pesquisa Formação de professores que ensinam matemática: produção do conhecimento matemático através do dispositivo-oficina e seus efeitos no ensino e na aprendizagem da matemática na escola. Tal pesquisa tinha como problema a formação docente e se valeu de dois momentos distintos. No primeiro, fez uso do dispositivo oficina em um curso de extensão em que professores eram convidados a problematizar a matemática escolar e as abordagens didático-metodológicas em educação matemática. No segundo, fez uso de um dispositivo em que a equipe de pesquisa e professoras produziam atividades matemáticas e as levavam para sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tais dispositivos permitiram problematizar matemática e formação, colocando em jogo os processos ético, estético e político que estão implicados na produção de cada uma dessas instâncias.

Palavras-chave: Formação docente; Políticas cognitivas; Ética; Estética; Política.

Abstract

The article presents the research *Mathematics teachers formation: production of mathematical knowledge through the workshop dispositive and its effects on teaching and learning mathematics in school*. This research had two different moments. In the first, it made use of the workshop device in an extension course in which teachers were invited to problematize school mathematics and didactic-methodological approaches in mathematics education. In the second, it made use of a device in which the research team and teachers produced mathematical activities and took them to the classroom in the early years of elementary school. These devices allowed to problematize mathematics and formation, especially the ethical, aesthetic and political processes that are implied in the production of each one of these instances.

Keywords: Teacher training; Cognitive policies; Ethic; Aesthetics; Politics.

¹ Trabalho premiado no Seminário de Iniciação Científica da UFJF em 2016.

² Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Juiz de Fora. Pós-doutora e doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Rio Claro.

³ Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus Rio Claro. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Licenciado em Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁴ Graduado em Pedagogia, mestre em Educação.



1 UMA PESQUISA PRODUZINDO VIDA E FORMAÇÃO

Este artigo torna presente muitos vívidos⁵ com experimentação com matemática numa processualidade da pesquisa⁶ intitulada *Formação de professores que ensinam matemática: produção do conhecimento matemático através do dispositivo-oficina e seus efeitos no ensino e na aprendizagem da matemática na escola*. Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) em acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através do Edital de pesquisa na Educação Básica (13/2012) e esteve ligada a uma escola municipal de Juiz de Fora, contando com a participação de bolsistas de mestrado e de iniciação científica e, também, com uma bolsista docente⁷. Com a pesquisa, intencionava-se fazer encontrar problema com a formação de professores e professoras em sua processualidade. Para tanto, exercitamo-nos junto a dispositivos que fizeram estranhar concepções que se tem de matemática, do ensinar e do aprender.

O campo de pesquisa dividiu-se em dois momentos: oficinas e escola. As oficinas aconteceram num formato de um curso de extensão intitulado *Oficinas de produção matemática: fazer docente junto a abordagens didático-metodológicas*, que foi desenvolvido durante o ano de 2014 no Núcleo de Educação em Ciência, Matemática e Tecnologia (NEC) da Universidade Federal de Juiz de Fora. Participaram das oficinas professoras e professores que ensinavam Matemática nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental na escola parceira, bolsistas de graduação em Matemática, Pedagogia e Artes e de mestrado em Educação da UFJF.

O outro momento de produção de dados em campo aconteceu no ano de 2015, quando a escola recebeu a equipe de nossa pesquisa, através das e dos bolsistas de Iniciação Científica. Estas e estes bolsistas faziam o elo entre a escola e a pesquisa com a proposta de produzir, com os docentes que assim desejassem, atividades matemáticas para as suas salas de aula. Além das ações em sala de aula, todas e todos docentes que

⁵ “Muitos vívidos” é empregado aqui no sentido de vivos, o que se mostra pertinente junto ao conceito de acontecimento tomado em Deleuze (2007). Há um esplendor num acontecimento que guarda a potência de um viver, não passa pela rotina de uma vivência que traz ao corpo ou ao ser uma acomodação de hábitos a serem repetidos. É, sim, aquilo que afeta o ser, tornando-o outro dele mesmo.

⁶ Processo APQ-03416-12. No decorrer desta produção, ao citarmos pesquisa estaremos fazendo referência a esta pesquisa em particular.

⁷ A bolsista docente fazia parte do quadro da escola e outros/as bolsistas participaram da pesquisa durante os três anos do projeto, através de bolsas BIC/UFJF e bolsa PROBIC/UFJF.

participaram dessa etapa foram convidadas e convidados a uma conversa com a equipe para falar com os efeitos daquela atividade.

Em todos os momentos da pesquisa, a formação aparecia como instância problemática. Para além e aquém de discussões em torno de ideias já consolidadas no campo da formação de professoras e professores, notadamente em educação matemática⁸, nossa pesquisa traz como mote a ideia de que a formação é, em certo sentido, sempre política, sempre implicada numa ética de produção estética de uma vida.

Se isso é mais claro num âmbito macro, em que a formação de professoras e professores é sempre um polo de interesse na formulação de políticas públicas e de legislações específicas que a regulem, a pesquisa acabou por dar visibilidade a uma problemática micropolítica da formação docente. Quer dizer, ao tomarmos a sério aquilo que acontece em oficinas e salas de aula de matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental, acaba-se por ter em conta que a formação se alia sempre a uma (micro)política de conhecimento ou, como temos chamado no esteio do trabalho de Virginia Kastrup (2005), a formação implica uma política cognitiva.

A noção de política cognitiva parte de uma questão: que tipo de relação se estabelece com os saberes e com a aprendizagem? Ou ainda, que tipo de práticas se estabelece com os saberes e com a aprendizagem? Junto à formação poderíamos, então, recolocar o problema: que tipo de relações e de práticas se estabelece com matemática e aprendizagem? Que formação se constitui nessas práticas e relações?

Uma primeira possibilidade é considerar matemática como um corpo de conhecimentos dados *a priori* do humano, como em concepções como a platônica – na qual os entes matemáticos aparecem como essências bem definidas – e a pitagórica – na qual os números aparecem como entes de inteligibilidade do mundo. Aliada a essas concepções, largamente difundidas em nosso marco cultural, está uma relação de representação: aprender matemática é ser capaz de repeti-la tal qual ela é, uma vez que seus objetos são dados *a priori*. É o que, com Deleuze (2006), poderíamos chamar de reconhecimento: uma convergência das faculdades sobre um objeto (matemático) suposto como sempre o mesmo. A política cognitiva que se produz aí é, então, uma política recognitiva, que persegue a obtenção de uma matemática compreendida como sempre a

⁸ Na área de educação matemática as pesquisas em geral concebem a formação da professora e do professor como um caso da formação reflexiva do sujeito ou de que existe uma temporalidade progressiva na formação, revelada em noções como de formação inicial, continuada ou contínua, desenvolvimento profissional ou identidade docente.

mesma.

Outra possibilidade é considerar matemática como uma produção humana, como uma invenção humana, que se tece nas relações de força que a produzem (ANASTÁCIO; CLARETO, 2000; CLARETO; ROTONDO, 2014). Nesse sentido, o que está em jogo é sempre um processo de invenção, que coloca em questão, a todo momento, os modos de produção disso que chamamos matemática. Interessam os meandros dos processos de produção matemática e, por isso mesmo, os mundos que se constituem nesses processos. Interessa menos a matemática como conteúdo escolar do que como instância problemática, como regime de signos que coloca em curso processos de problematização e de invenção de si e do mundo. Essa concepção se alia a outra política cognitiva, uma política cognitiva inventiva que se coloca a favor da vida como variação: uma perspectiva ética.

A pesquisa aliou-se a uma política inventiva e, com isso, tomou como questão pensar tanto as oficinas como a atuação na produção de atividades na escola parceira junto a essa política. Essa decisão solicitou um deslocamento das noções de formação e de matemática da própria equipe de pesquisa, dando a pensar o pesquisar como espaço de formação e de produção das pesquisadoras e dos pesquisadores. Os textos, que são produto dessa pesquisa, remontam às afetações dos pesquisadores e das pesquisadoras com aquilo que se produziu no processo de pesquisar, solicitando a invenção de uma linguagem que dissesse, ainda que sumariamente, dos modos pelos quais a pesquisa se fez em nós.

2 ALGUNS CAMINHOS: DISPOSITIVOS EM UMA PESQUISA

A pesquisa CAPES/FAPEMIG teve seu primeiro momento com a produção, organização e realização de oficinas que foram oferecidas a professoras⁹ que ensinam matemática numa escola municipal de Juiz de Fora. Essas oficinas funcionaram como um curso de extensão intitulado *Oficinas de produção matemática: o fazer docente junto a abordagens didático-metodológicas* e se deram semanalmente ao longo do ano de 2014. Nesse momento, acionava-se formação por meio de atividades que tinham na matemática escolar e em ações corriqueiras do fazer docente seu mote. As discussões em torno das abordagens didático-metodológicas em educação matemática apareciam como efeito das

⁹ A partir desse momento, utilizaremos apenas professoras, no feminino, já que foi um coletivo de professoras que nos acompanhou ao longo das oficinas na escola.

problematizações empreendidas nas atividades. A cada oficina, uma escrita era produzida dizendo do que havia se dado, compondo um primeiro banco de dados da pesquisa.

O segundo momento da pesquisa se deu de forma a contemplar, na escola parceira, as problematizações que foram engendradas nas oficinas. A organização do trabalho se dava da seguinte maneira: o bolsista e as bolsistas de iniciação científica e a bolsista docente iam para a escola em uma espécie de plantão, ali ficavam para auxiliarem professoras que demandassem pensar e produzir atividades envolvendo matemática para suas turmas. Devidamente autorizados a estarem na escola e conhecidos pelo corpo escolar, os bolsistas se dispunham a estar na escola em dois dias distintos da semana para que pudessem atender às demandas das professoras. Quando surgia alguma questão, os bolsistas levavam-na para o encontro semanal do grupo para que pudesse ser discutida e, a partir disso, elaborar alguma atividade que a contemplasse. Depois da atividade rascunhada, os bolsistas retornavam à escola e conversavam com a professora sobre a sugestão de atividade elaborada pelo grupo. Terminada a elaboração da atividade com a professora, era combinada uma data para execução da atividade. Os bolsistas participavam das aulas tanto para auxiliar a professora quanto para estarem atentos aos efeitos engendrados em sala de aula com aquela atividade.

Apesar de a atividade ser pensada e discutida também pela equipe da pesquisa, eram as próprias professoras das turmas que faziam as atividades em sala de aula. Por isso, uma questão que se fez presente era como se dava o processo de discussão da atividade e o que as professoras faziam das sugestões do grupo, como produziam com e a partir dessas sugestões, como tomavam posse daquelas discussões e atividades. Em um último momento da ação da equipe da pesquisa, ao final de cada atividade, era feita uma conversa com a professora na qual se solicitava que ela trouxesse afetações dos momentos das atividades. Esse momento era gravado e, junto com registros escritos das atividades e do que se dava no processo até que as atividades chegassem às salas de aula, compunha um segundo banco de dados da pesquisa.

Buscava-se, com esse procedimento, detectar, através do retorno aos dados produzidos e organizados em registros de áudio e escrita, os efeitos das ações empreendidas na pesquisa; organizar, por meio de escrita, os dados produzidos na escola atentando-se aos registros realizados na observação em campo, as cartografias realizadas e os encontros com as professoras, buscando compreender a formação em

dever, sua ligação com as concepções que se tem de Matemática, os modos de ensino desta disciplina e sua esperada aprendizagem; buscar a ligação entre os campos de pesquisa – oficinas e escola – atentando-se à formação docente; apresentar os estudos efetuados em eventos acadêmicos na área de Educação e na Educação Matemática e também em artigos em revistas e livros também dessas áreas.

A pesquisa se valeu metodologicamente da ideia de dispositivo em Foucault (2017). O filósofo diz do dispositivo como “um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais filantrópicas. [...] O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” (p. 364). Além disso, Foucault ressalta que o dispositivo tem uma função estratégica, metodológica, que manipula as relações de força, seja para desenvolvê-las em certa direção, seja para bloqueá-las em outra. Com Deleuze (2016), podemos dizer que os dispositivos são curvas de visibilidade e enunciação, ou seja, criam uma distribuição do visível e do invisível, do enunciável e não enunciável em um jogo de forças singular. É nesse sentido que se pode dizer que o dispositivo é disruptivo: ele faz nascer “máquinas para fazer ver e para fazer falar” (DELEUZE, 2016, p. 360).

É com isso que chegamos a falar, em pesquisa, de alguns dispositivos que a fizeram funcionar. O dispositivo oficina funcionou como uma série de encontros que fizeram, ver, falar e experimentar outros jogos de força na relação de docentes e matemática, torcendo uma formação que se alia de modo gregário à matemática e à matemática escolar. Disruptivamente, o dispositivo oficina fazia nascer outros modos de produzir com docência, dando a pensar o “saber matemático, sua produção, seus poderes, suas forças que engendram e compõem modos de viver, etc. Utilizar das forças e poderes de alguns modos de conceber matemática, levando-os a outras direções, inventadas” (ROTONDO, 2019).

Já o dispositivo de produção das atividades nos permitiu estar junto a acontecimentos singulares que se compunham em sala de aula de matemática num amálgama da formação com matemática, com políticas cognitivas, com aprendizagens, com conversas com professoras e tantos outros. Esse dispositivo nos deu a pensar, ainda, a formação que se constitui cotidianamente em salas de aula quando inventam docência no contato com as problematizações que lá se dão.

Dispositivos: oficinas, atividades matemáticas em salas de aula, conversas com

professora, grupos de estudo... dispositivos dentro de dispositivos fazendo funcionar pesquisa e formação.

3 PESQUISA EM TRAVESSIA: EFEITOS¹⁰

Muitas foram as reverberações dessa pesquisa. Seus movimentos foram ecoando por vários horizontes e direções acadêmicas e escolares. Essa pesquisa habitou tanto o ambiente acadêmico quanto a escola e com isso esticou suas zonas de atuação. Foram muitos momentos e situações que engendraram problema em formação. Problema, tomado em Deleuze e Guattari (2012) não enquanto algo a ser solucionado ou resolvido,

Numa escola, uma atividade: montar grupos de dez canudos dando a pensar o sistema de numeração decimal e suas ordens. Um aluno trabalha: toma um grupo de cinco canudos. Amarra-os em um monte. Toma outro grupo de cinco canudos. Amarra-os em um monte. Professora fiz o meu, olha?! De pronto a professora responde: Mas, tem que ter 10! O aluno olhou para as mãos e disse: Mas tem 10.

Um efeito em sala de aula

e sim, algo que violenta o já instituído e faz vibrar outras frequências, arranhando e produzindo estranhamento. Tendo essa noção de problema como aliada, a pesquisa foi arranhando matemáticas e formações engendrando outras matemáticas e outras formações. Sempre em processo.

Outro conceito que se acopla a essa pesquisa é o de política cognitiva inventiva (KASTRUP, 2005) que nos coloca em contato com a potência de criação do e no pensamento, e não apenas com os efeitos da reconhecimento.

O que acontece na afirmação de uma política cognitiva que suspende o regime de reconhecimento? Matemática como efeito inesperado de uma atividade que quer pensar sistema de numeração decimal e, ao colocar tal conteúdo em jogo, se arrisca na proximidade de outros modos de matematizar: dez canudos em dois montes de cinco

“Como seria um mundo sem matemática?” Pergunta e problema que dispara uma produção em uma oficina com professores. “O tecido de cor preta representa um mundo sem luz”. Um mundo sem conhecimento.” Concepções de uma matemática sendo expostas e problematizadas. Que matemática? Que modos concebê-la? Concepções de matemática tomada a priori do humano e como criação humana. Concepções de matemática que se ligam aos modos de ensinar e de aprender matemática.

Um efeito em uma oficina

¹⁰ Apresentamos em caixas alguns efeitos que se deram no campo de pesquisa a partir dos mapeamentos dos dispositivos constituídos na pesquisa.

implicam que matemática, que produção com dez, inventam que mundos? Uma atividade em processo, no fazer de um aluno, dá a pensar os modos de produção do sistema de numeração decimal não a partir da representação de seus agrupamentos e ordens, mas com uma problematização que faz nascer um desvio daquilo que se concebe comumente como agrupamento e como ordem.¹¹

O que acontecena afirmação de uma política cognitiva que suspende o regime de reconhecimento? Formação docente é convidada a tomar como questão aquilo que era dado como natural, verdadeiro e universal: a concepção da matemática como corpo de saberes fiados à segurança e à certeza dadas por estruturação independente da condição

Alguma coisa tinha acontecido com professora Lize quando Moraes escrevia seu nome. Produção de forças, plural e múltiplo. Coisa de formação – me contaram. De menino e de professora. Coisa que trans-forma a gente, trânsito de formas em invenção. Que foi com nome do Moraes que isso foi se dando, foi sim. [...] quando Moraes escreveu seu nome, talvez não tivesse tanto a ver com as letras juntas no papel, mas com o tanto de vida forte que ia escapando da grafia de menino Coisas de formação – me contaram. Coisa de poder vivo tornando viver forte.

Um efeito em formação docente

humana que junto a ela se constitui. Que concepções se inventam quando problematizamos um mundo que traz consigo uma matemática? Que formação se inventa ao problematizarmos tecidos de cor preta e mundos sem luz? Vidas se constituindo mais fortes com matemática, com salas de aula, com produção de atividades.¹²

O que acontece na afirmação de uma política cognitiva que suspende o regime de

Convite da escola parceira à equipe da pesquisa: ir a uma reunião pedagógica discutir os modos de ensinar subtração. Algumas professoras ensinavam pelo método do empréstimo; outras, pelo método da compensação. A equipe leva à reunião empréstimo e compensação como problemas. E, além deles, leva também o método da Adriana, aluna do quarto ano do ensino fundamental. Com os três métodos, insiste em sustentar o problema: como se ensina a subtrair?

Um efeito em uma reunião pedagógica

reconhecimento? Encontros com o inesperado no campo: resistir a estabelecer uma relação hierárquica entre universidade e escola no campo da educação matemática, mesmo quando somos convidados a legislar acerca do melhor modo de ensinar subtração nos

¹¹ A caixa *Um efeito em uma sala de aula* traz ecos do texto de Silva (2019), no qual o autor discute os efeitos de uma atividade em uma sala de aula de matemática dos anos iniciais do ensino fundamental.

¹² As caixas *Um efeito em uma oficina* e *Um efeito em formação docente* trazem ecos do Trabalho de Conclusão de Curso de Paixão (2016) e da dissertação de Azevedo (2016), respectivamente. Paixão discute a formação em oficinas com professores que ensinam matemática. Já Azevedo cunha o verbo quaresmar para discutir a invenção de sentidos com matemática e formação.

anos iniciais.

Resistir à naturalização de que a academia fornece respostas e prescrições sobre as práticas escolares e, com isso, investir na experimentação com matemática. Trabalhar subtração com empréstimo, com compensação e com Adriana: em que cada um desses modos implica? Que modos de pensar subtração cada um deles convoca? Questões que reafirmam a formação sempre políticas cognitivas como instâncias problemáticas e inventivas.¹³

Muitos são os fios e as linhas que produzem pensamento e formação. Uma pesquisa abriga inesperados juntos às linhas que ela engendra e se conectam a outras tantas em inventividades que dão vazão a outros modos de produzir vida potente. Quais relações de jogos de força são afirmadas quando uma forma outra se afirma? Os processos de produção de pensamento inventivos escapam a formas estipuladas e encontram na produção de um novo movimento de afirmação de vida. Processo ético-estético-político!

Atravessamentos de uma pesquisa frente aos processos de formação com matemática. Enfrentamentos que insurgem arranhando matemática e produzindo formação. Quanto de estranhamento suporta uma Matemática? Quanto de estranhamento suporta uma formação? Quanto de estranhamento abriga uma pesquisa? Pesquisa fazendo-se no entre com mínimos. Pesquisa abrigando outros possíveis em matemática afirmando uma formação. Processo ético-estético-político!

Pesquisa fissurando espaço e tempo navegando num fora. Convidando um fora a contaminar um dentro. Pesquisa convidando forças outras a comporem em jogos de força provisórios que afirmam existências outras. Uma pesquisa que fortalece corpos em relação. Pesquisa abrigando vida! Vida invadindo pesquisa e sala de aula e formação e matemática. Tudo funcionando junto. Máquina sobre máquina funcionando como dispositivo que afirma existências e fazem tremer uma academia. Jogos de força sempre provisórios fazendo rachaduras nos modos já instituídos. Processo ético-estético-político!

¹³ A caixa *Um efeito em uma reunião pedagógica* traz ecos do artigo de Rotondo e Cammarota (2016), no qual os autores discutem a ação da equipe de pesquisa em uma reunião pedagógica na escola parceira. Nessa reunião, discute-se com professoras e professores os modos de ensinar subtração nos anos iniciais do ensino fundamental.

4 IN-CONCLUSÕES OU SOBRE MODOS DE ESTAR COM PESQUISA

Uma pesquisa que engendra problema e que se constitui em muitos possíveis com escola, educação, matemáticas e formação. Uma pesquisa que abrigou inesperados e torceu modos de pensamento instaurados engendrando modos outros de produzir vida. Teve como reverberações a produção de três Trabalhos de Conclusão de Curso, uma dissertação de mestrado, um livro (ROTONDO, CAMMAROTA, AZEVEDO, 2019) e vários artigos publicados em periódicos e eventos. Sua política de narratividade afirma modos outros que torcem uma certa academia tradicional e produzem outros territórios provisórios em pesquisa. Uma aposta ética que habita e faz vibrar uma imanência. Uma aposta estética que fia em sua produção e afirma modos dessemelhantes produzindo efeitos que afirmam vida potente. Uma aposta política que faz operar conceitos afirmando possíveis em academia, escola, matemática e formação. Uma pesquisa como processo ético-estético-político!

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Maria Queiroga Amoroso; CLARETO, Sônia Maria. Concepções de matemática e suas incidências na educação matemática. **Boletim Pedagógico de Matemática**, Juiz de Fora, s/n, p. 7-13, 2000.

AZEVEDO, Fernanda de Oliveira. **Matemática quaresmar formação**. 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth A. Sacramento. Como Seria um Mundo sem Matemática? Hein?! Na tensão narrativa-verdade. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, [s.l.], v. 28, n. 49, p.974-989, ago. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v28n49a26>. Acessado em 23 jan. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Lógica dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: Editora 34, 2012. Volume 5.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)**. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 359-369.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017. p. 363-406.

KASTRUP, Virginia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devirmestre. In: **Revista Educação e Sociedade**, v.26, n.93, p. 1273-1288, set./dez. 2005.

PAIXÃO, Leiliane Aparecida Gonçalves. **Uma pesquisa**: vida compondo uma formação. 2016. 16 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

ROTONDO, Margareth Ap. Sacramento; CAMMAROTA, Giovani. Subtrair: Escola-pesquisar produzindo formação. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13, 2016, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Sbem, 2016. p. 1 - 12.

ROTONDO, Margareth Ap. Sacramento; CAMMAROTA, Giovani; AZEVEDO, Fernanda de Oliveira. **Experimentações em educação matemática**: entre oficinas e salas de aula. Curitiba: Appris, 2019.

ROTONDO, Margareth Ap. Sacramento. Formação docente: inventando formação com matemática. In: ROTONDO, Margareth Ap. Sacramento; CAMMAROTA, Giovani; AZEVEDO, Fernanda de Oliveira. **Experimentações em educação matemática**: entre oficinas e salas de aula. Curitiba: Editora Appris, 2019. p. 129 – 136.

SILVA, Felipe Vargas da. Aula-argila: entre modulações e cultivo de si. In: ROTONDO, Margareth Ap. Sacramento; CAMMAROTA, Giovani; AZEVEDO, Fernanda de Oliveira. **Experimentações em educação matemática**: entre oficinas e salas de aula. Curitiba: Appris, 2019. p. 87 - 96.